

# JUSTIÇA, VINGANÇA E ÓDIO: Os afetos na cobertura do caso Isabella Nardoni por revistas semanais brasileiras

Carlos JÁUREGUI<sup>1</sup>  
Eliziane LARA<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste trabalho, desenvolve-se uma análise sobre a dimensão afetiva da cobertura que *Veja*, *Istoé* e *Época* fizeram do julgamento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, finalizado em março de 2010, quando foram condenados pelo assassinato da menina Isabella Nardoni. Com uma postura de desconfiança em relação ao discurso de autolegitimação da instituição jornalística, que considera a emotividade como algo estranho ao jornalismo ou pelo menos ao “bom exercício dessa profissão”, parte-se do princípio de que toda atividade comunicativa possui um componente patêmico constitutivo. Assim, são analisados os *pathé* comunicados nos textos e os mecanismos pelos quais emergem esses efeitos discursivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Emoções. Discurso. Isabella Nardoni. Revistas semanais.

## ABSTRACT

This paper presents an analysis of the affective dimension of the journalistic coverage of magazines *Veja*, *Istoé* and *Época* on Alexandre Nardoni and Anna Carolina Jatobá's judgment. On march 2010, they were convicted for murdering the girl Isabella Nardoni. With a stance of suspicion towards the self-legitimation discourse of the journalistic institution which considers emotiveness as something strange to journalism, or, at least, to “the good practice of that profession”, it is adopted the premise that every communicative activity has a pathemic component. Thus this work observes the *pathé* communicated on those texts and the mechanisms which trigger that nature of discourse effects.

---

<sup>1</sup> Jornalista, doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação do prof. Dr. Elton Antunes e bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: carlosfjp@gmail.com.

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação do prof. Dr. Elton Antunes e bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: elizianejornalismo@gmail.com.

**KEYWORDS:** Emotions. Discourse. Isabella Nardoni. Weekly magazines.

## 1. Introdução

No dia 29 de março de 2008 emerge um acontecimento que entra para a história do jornalismo brasileiro: a morte da garota Isabella Nardoni, aparentemente vítima da queda do sexto andar de um edifício de classe média em São Paulo. A partir daquele dia, todo o país acompanharia, por diversos meios de comunicação, o desenrolar dessa história, em que os principais suspeitos eram o pai da menina, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Anna Carolina Jatobá.

Ocupando lugar de destaque na imprensa, o caso alcançaria o conhecimento de 98,2% dos brasileiros de acordo com pesquisa realizada pelo CNT/Sensus, no final de abril de 2008<sup>3</sup>. Mas, além da ampla cobertura recebida logo após o suposto crime, também impressionou o interesse midiático pelo julgamento do casal Nardoni, realizado dois anos depois. Televisões, rádios, jornais e *websites* enviaram repórteres ao fórum onde ele ocorreu e o assunto ganhou as capas das três revistas semanais mais vendidas no Brasil<sup>4</sup>.

Os membros do júri, encerrado na madrugada do sábado, 27 de março de 2010, consideraram que os resultados apontados pela investigação policial eram suficientes para condenar o casal. Essa decisão também atendeu a um suposto desejo de punição compartilhado por parte significativa da população brasileira, representada pelas centenas de pessoas que se concentraram às portas do fórum e comemoraram a sentença. Nesse clima de comoção, o pai, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Ana Carolina Jatobá, foram sentenciados a 31 e 26 anos de prisão, respectivamente, por terem assassinado a garota e, em seguida, atirado a menina pela janela na tentativa de criar outra versão para o crime.

Tendo em vista a comoção social em torno do acontecimento e tomando como pressuposto que o estudo do *pathos* no discurso da mídia informativa pode revelar aspectos pouco conhecidos sobre o jornalismo, este artigo se propõe a refletir acerca da dimensão

---

<sup>3</sup> Tais estatísticas são citadas em trabalho de Paulo Bernardo Vaz e Renné França (2009).

<sup>4</sup> Entre 2000 e 2007, outras 532 crianças e adolescentes também teriam falecido em consequência de violência doméstica no Brasil, segundo o Laboratório de Estudos da Criança da Universidade de São Paulo. Nenhum desses outros casos, contudo, despertou tanto interesse midiático.

afetiva da cobertura do julgamento do casal Nardoni realizada pelas principais revistas semanais brasileiras de informação.

A partir percepção prévia da riqueza dessas reportagens para o estudo das emoções no discurso, espera-se contribuir para a compreensão da forma como os meios de comunicação e a sociedade brasileira (onde se inserem as práticas midiáticas em questão) se relacionam com um acontecimento dessa ordem.

## 2. Uma abordagem discursiva para o *pathos*

Um dos principais aportes de Patrick Charaudeau para a compreensão do jornalismo é sua percepção acerca da dupla visada presente na interação entre instância midiática e público. De um lado a mídia informativa deve buscar a visada de informação ou credibilidade, que consiste em fazer saber ao cidadão o que acontece no mundo social, buscando estratégias que confirmem autenticidade, verossimilhança e seriedade à instância produtora do discurso; paralelamente, os meios jornalísticos devem alcançar a visada de captação, que se orienta a seduzir o parceiro da troca comunicativa por meio da dramatização do relato para sobreviver, assim, à concorrência midiática (CHARAUDEAU. 2006, p. 72). A princípio, a visada de informação ou credibilidade estaria mais ligada à razão e a captação à emoção.

Em um momento posterior do desenvolvimento de sua proposta, entretanto, Charaudeau (2010, p. 54) observa que as visadas de credibilidade e de captação não devem mais ser compreendidas como uma simples oposição. Se em etapas iniciais da teoria semiolinguística Charaudeau (2006, p. 92) afirma que credibilidade e captação (razão e emoção) necessariamente concorrem entre si, ao propor um estudo do *pathos*, o autor complexifica a relação entre elas, afirmando, por exemplo, que o efeito emotivo de alguns programas de televisão só será possível se houver, por parte do interlocutor, confiabilidade em relação àquele relato.

Tomando como ponto de partida esse segundo momento teórico, deixamos de considerar a emoção como contraditória à credibilidade e passamos a percebê-la como um elemento constituinte do discurso midiático, existindo associada à informação e, por conseguinte, à razão. No caso de uma notícia sobre a corrupção de congressistas, por exemplo, a exploração de efeitos de autenticidade (inicialmente ligados à visada de informação) não mitigará a *patemização*, mas reforçará os sentimentos de **frustração** e **indignação** sugeridos ao leitor.

Superando, portanto, dicotomias entre informação vs. captação e razão vs. emoção, Charaudeau (2010) reflete sobre como deve ser a abordagem da problemática da patemização no discurso. E, para resolver essa questão de base, o autor retoma um dos fundamentos mais essenciais de sua teoria, afirmando que, assim como qualquer problema de interesse para a semiolinguística, o *pathos* deve ser compreendido como um elemento inserido numa situação de comunicação, em que a linguagem é posta em uso.

Assim, considerando a proposta do autor e a inserção desta análise no campo da comunicação social, é preciso destacar que, falar em paixões, afetos ou emoções no discurso, implica tecer reflexões a respeito do *pathos* que se constrói no seio de uma troca comunicativa. Dessa maneira, este trabalho não se dedicará à compreensão de mecanismos fisiológicos ou psicológicos que geram uma paixão efetivamente sentida pelo indivíduo, mas terá o objetivo de refletir sobre as formas como o *pathos* pode ser construído num processo linguageiro.

Antes de um maior aprofundamento nessa abordagem também vale ressaltar que, neste trabalho não será empreendido um esforço para diferenciar as noções de afeto, sentimento, emoção e paixão. Ao invés disso, opta-se pelo uso dos termos *patemização* e *patêmico* (do grego *pathos*<sup>5</sup>), para tudo o que for relativo à construção de efeitos passionais pelo discurso, assim como propõe Charaudeau (2010, p. 35).

### 3. Proposta de análise

Além de evitar a dicotomia entre razão e emoção, Charaudeau (2010) elabora uma proposta para o estudo da *patemização* particularmente interessante por fazer convergir diferentes vertentes dos estudos discursivos.

Por um lado, o autor carrega a herança de uma semiótica francesa que considera as paixões essencialmente ligadas aos esquemas de busca sobre os quais se constroem as narrativas e a uma atração entre sujeito e objeto que fundaria toda e qualquer afetividade<sup>6</sup>. Isso é perceptível na descrição que Charaudeau (2010, p. 49-54) faz dos *pathé*: a **alegria**, por exemplo, estaria relacionada à satisfação de um desejo, enquanto a **cólera** e a **indignação**

---

<sup>5</sup> O termo *pathos* engloba com eficiência as noções de afeto, emoção, sentimento e paixão. Ao optarmos por usar a derivação “patemização”, afastamo-nos dos termos “patológico”, de carga negativa e sentido ligado a doenças e outras perturbações, e “patético”, com sentido pejorativo e próximo de “ridículo”.

<sup>6</sup> Abordagem presente em obras como Greimas (1983) e Greimas & Fontanille (1991).

seriam voltados para um determinado sujeito que desempenha o papel actancial de malfeitor – um antissujeito, em termos narrativos. Por outro lado, o autor se afasta de um enfoque completamente interno à narrativa quando inclui, em sua abordagem, elementos de natureza psicossocial mais pertinentes às discussões do campo da Análise do Discurso e igualmente relevantes para uma análise de natureza comunicacional:

Destes debates, me deterei sobre três pontos que parecem constituir consenso entre sociólogos, psicólogos sociais e filósofos, e que acho essenciais para um tratamento discursivo da questão: as emoções são de ordem *intencional*, estão ligadas a *saberes de crença* e se inscrevem em uma problemática da *representação* psicossocial. (CHARAUDEAU, Patrick, 2010, p. 26)<sup>7</sup>

Tais elementos (*narratividade, intencionalidade, saberes de crença e representações*) nortearão a análise que será desenvolvida nas próximas páginas deste trabalho.

### 3.1 Procedimentos de análise

Para o desenvolvimento desta reflexão, foram selecionadas as capas e as reportagens publicadas nas revistas *Época*, *Istoé* e *Veja* na última semana de março de 2010, logo após o fim do julgamento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. A revista *CartaCapital* não foi analisada, por não ter dedicado uma reportagem para o assunto<sup>8</sup>.

Considerando a importância das capas no discurso das revistas, dedica-se uma seção específica à sua análise e, em seguida, são tecidas considerações sobre as reportagens no interior das publicações. Nesse segundo momento, serão realizados dois movimentos distintos: primeiro, uma descrição geral de cada reportagem, pontuando momentos em que a dimensão emocional do caso Isabella Nardoni é explicitamente citada nos textos; depois, uma reflexão a partir dos parâmetros apresentados no item 2.

## 4. O discurso das capas

---

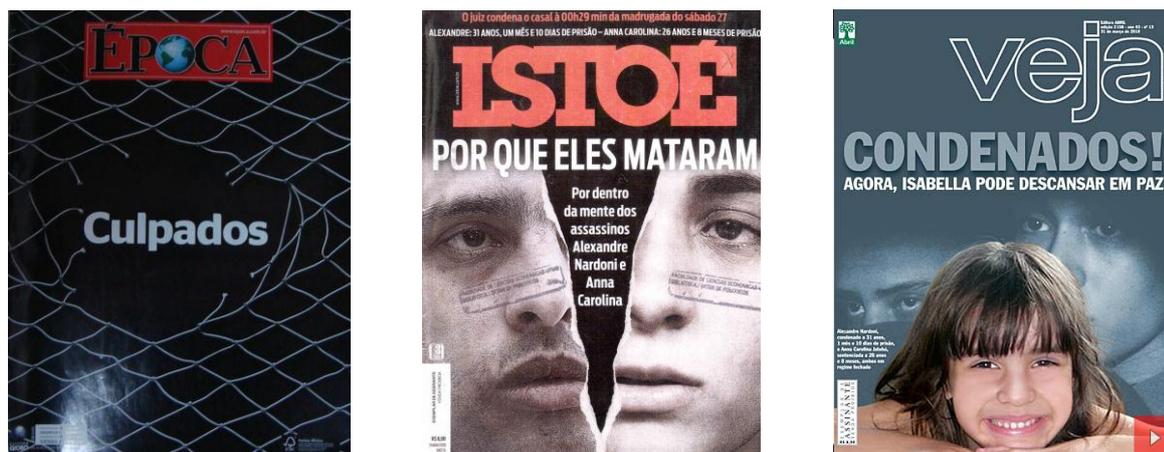
<sup>7</sup> Desconfiamos do consenso apontado por Charaudeau (2010, p. 26) em relação aos estudos sobre o *pathos*. Como se pode observar no panorama traçado por Sodré (2006), as diferentes correntes teóricas divergem principalmente no que diz respeito 1) a uma suposta hierarquia entre o que é, para o *pathos*, da ordem do *sensível* e o que é da ordem do *inteligível*; 2) e à necessidade de se opor ou não *razão* e *afetividade*. No entanto, adotamos a proposta de Charaudeau (2010), por encontrarmos nela elementos convergentes com uma abordagem relacional do problema.

<sup>8</sup> De acordo com pesquisa publicada pelo Instituto Verificador de Circulação, em 2010, (ano em que ocorreu o julgamento) as quatro revistas semanais de informação geral com a maior média de circulação foram: *Veja* (1.086.191 exemplares); *Época* (408.110); *Istoé* (338.861) e *CartaCapital* (30.703).

Como sinaliza Carla Cardoso Rodrigues, as capas estão circunscritas a um terreno específico nas *newsmagazines*. “... a capa é também uma figura intermediária, que faz parte da publicação, mas ao mesmo tempo se demarca dela, vale por si, construindo-se como uma janela de contacto com o exterior” (RODRIGUES, 2009, p. 165).

Vejamos a seguir as capas das três revistas que vamos analisar neste trabalho:

FIGURA 1 – Capas das revistas analisadas



FONTE: *ÉPOCA*, 29 mar. 2010, n. 619, p. 1; *ISTOÉ*, n. 2107, 31 mar. 2010, p. 1; *VEJA*, n. 13, 31 mar. 2010, p. 1.

Ainda que lancem mão de estratégias diferentes para atrair os leitores, as três revistas semanais de maior circulação no Brasil, como já assinalado, atribuíram o espaço da primeira página ao resultado do julgamento do casal Nardoni. Considerando que as três publicações começam a circular no fim de semana, deve-se tomar em conta que o anúncio da sentença na madrugada de sábado foi bastante favorável para a produção das capas, que poderiam apresentar a decisão do júri com uma considerável proximidade de seu proferimento.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que as três capas dedicaram-se **exclusivamente** ao julgamento, sem chamadas ou vinhetas que remetessem a outros conteúdos. Assim, o tema ocupou de forma privilegiada o espaço mais importante das publicações, conferindo grande destaque à cobertura do caso.

Diferentemente de *Istoé* e *Veja*, a revista *Época* optou por uma capa com poucos elementos: sob o fundo preto, uma tela de proteção branca e cortada. No centro se lê “Culpados” (*ÉPOCA*, 2010, p. 1), sem outras palavras que façam menção ao conteúdo da reportagem, explorando, assim, os conhecimentos prévios supostos para o público. Este já teria acompanhado o desenrolar do julgamento que ocorrera durante a semana pelo site da

própria revista e por outros meios de comunicação. A tela de proteção faz uma menção direta a uma das provas utilizadas no tribunal: a camisa do pai de Isabella Nardoni apresentava marcas produzidas pela rede de proteção da janela do quarto de onde a garota foi arremessada. Tais marcas, como se ressalta na reportagem, só poderiam ter sido produzidas se ele segurasse algo em torno de 25 quilos, o mesmo peso de Isabella.

O branco e o preto ganham destaque na capa e o vermelho, que marca o logotipo da revista, também compõe este cenário de cores tradicionalmente relacionadas a temas como a morte e a maldade<sup>9</sup>. Simultaneamente, o “preto-no-branco” reforça o caráter documental da revista; é o anúncio de que finalmente estava esclarecido quem eram os algozes da história; chegava-se, então, ao fim.

O mesmo padrão de cores, com destaque para o preto e o vermelho, aparece em *Istoé* (2010, p. 1). Com uma montagem na qual a face dos dois assassinos se funde em um só rosto, a revista anuncia uma ideia que será desenvolvida no decorrer da reportagem: portadores de sérios transtornos de caráter e ciúme doentio, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá teriam entrado num perigoso estado de simbiose, que resistiria a qualquer possibilidade de separação e faria com que Isabella representasse para eles um obstáculo por ser filha de um casamento anterior.

Essa montagem da “face do casal” apresentada na capa é cortada ao meio, construindo um efeito de sentido ambíguo: por um lado, os dois seriam finalmente separados, partindo – em termos semióticos – de um estado de *conjunção* para um estado de *disjunção*; por outro lado, a imagem insinua a capacidade de a revista desvendar o interior da mente daquele casal. Este segundo efeito se constrói em diálogo com o título e a chamada: “Por que eles mataram - Por dentro da mente dos assassinos Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni” (ISTOÉ, 2010, p. 1). A revista estampa, ainda na capa, a data, o horário e a sentença que selou os destinos deste casal/sujeito.

*Veja* não lança mão dos tons preto e vermelho que predominam nas outras duas publicações e é a única que utiliza uma foto de Isabella na capa. Sorridente, em cores e no primeiro plano, aparece a menina, sob um fundo azul, representando o céu em que se

---

<sup>9</sup> De acordo com Guimarães (2000, p. 97-98), é possível compreender a significação de uma cor em função de um contexto cultural, desde que ela esteja “combinada com outros elementos sógnicos além da própria cor, que possam, no texto cultural apresentado, indicar a leitura correta”. O autor aponta como exemplos o vermelho, tradicionalmente relacionado ao fogo e ao sangue, e o preto, que é usualmente compreendido, nas sociedades ocidentais, como sinal de luto.

encontraria naquele momento. Atrás, com olhares perdidos, sem cores e envolvidos em trevas, estão Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, no papel de “Condenados!”, como exclama o título principal da revista (VEJA, 2010, p. 1). A ideia de Isabella feliz no céu é reforçada pela chamada “Agora, Isabella pode descansar em paz”, e, no canto esquerdo, com fontes menores, apresenta-se a sentença do casal (VEJA, 2010, p. 1).

Nesta capa, a ideia da vingança é evidente. A garota, que teria se tornado um anjo no céu, triunfa sobre seus algozes condenados a um futuro obscuro na prisão. Finalmente a luta está vencida, e ela pode descansar em paz.

#### 4. O discurso sobre o *pathos*

Neste item, apresenta-se uma descrição das três reportagens publicadas no interior das revistas, considerando principalmente os casos em que houve citação explícita de alguma emoção como elemento relevante na cobertura do tribunal do júri.

Nesse sentido, destaca-se o conteúdo publicado em *Época*, marcado por uma minuciosa descrição dos cinco dias de julgamento. Além de detalhes físicos, como a composição da sala e os lugares ocupados pelos principais personagens daquele evento, o texto contém passagens relacionadas a manifestações emocionais dos presentes. Já na abertura, a revista destaca trechos da sentença que privilegiam a dimensão afetiva do crime: “Aos 26 minutos da madrugada do sábado, o juiz começou a ler a sentença do casal Nardoni. Falou da ‘frieza emocional’ e da ‘insensibilidade acentuada’ do casal, que ‘investiu de forma covarde’ sobre a vítima” (TURRER; MAIA JUNIOR, 2010, p. 84).

Na descrição feita sobre os jurados, *Época* (TURRER; MAIA JUNIOR, 2010, p. 86) chama atenção para uma mulher de traços orientais: “Apesar da aparência fria, foi ela quem se emocionou com o depoimento de Ana Carolina Oliveira, a mãe da vítima...”.

Vale observar que a demonstração de afetos pelos personagens ora é percebida positivamente, ora negativamente. Ao juiz Maurício Fossen, por exemplo, são atribuídas características como sisudez e timidez, mas estes atributos são reconhecidos positivamente, como revela o trecho: “... o juiz Maurício Fossen tem o ar de sobriedade que cabe à função que exerce” (TURRER; MAIA JUNIOR, 2010, p. 88).

Já no caso dos réus, a revista destaca a ausência de emoções: “Anna Jatobá (...) Cruzava as pernas a todo instante, mas não parecia irrequieta ou nervosa. Apenas incomodada. Alexandre (...) permaneceu impassível. (...) , mantinha um rosto inexpressivo, o

olhar quase perdido, as mãos espalmadas sobre as coxas...” (TURRER; MAIA JUNIOR, 2010, p. 88). Tal descrição contrasta claramente com a de Ana Oliveira, a mãe, que evita olhar para os réus e apresenta sinais de forte estresse.

Entretanto, no momento de acusação, a madrasta Anna Jatobá, caracterizada até então por sua frieza, passa a ocupar o lugar de uma pessoa emocionalmente desequilibrada. Segundo a revista, o promotor de justiça, Francisco Cembranelli, afirmou durante o júri: “...ela é extrema, vive de picos. Quando ri, ri mesmo. Quando chora, chora mesmo. Quando xinga, xinga mesmo. E quando agride, agride mesmo!” (TURRER; MAIA JUNIOR, 2010, p. 91).

Na revista *Istoé*, a menção a emoções aparece logo no terceiro parágrafo do texto, em que se descrevem as reações dos réus durante a sentença: “Alexandre e Anna estavam algemados e, em alguns momentos, ele mordeu os lábios e levou as mãos aos olhos e nariz. Ela permaneceu impassível. Só choraram à 0h40 quando a sentença foi concluída” (PRADO, 2010a, p. 70).

A publicação ainda diagnostica as emoções que o casal despertaria na população brasileira no trecho “Alexandre e Anna personificam o espanto, a revolta, a perplexidade, o ódio e o desejo de fazer justiça com as próprias mãos de uma sociedade que há dois anos se põe a perguntar: como pode um pai, seja ele quem for, matar a própria filha?” (PRADO, 2010a, p. 71).

Todo o texto de *Istoé* se guia pela tentativa de responder à pergunta “por que eles mataram?” (ISTOÉ, 2010, p. 1). Assim, a revista aciona especialistas das áreas da psicologia e da psiquiatria para apontar as possíveis motivações do crime, o que leva ao apontamento de desequilíbrios emocionais no casal, aspecto que recebe menos destaque em *Época*. A Alexandre atribui-se frieza emocional e impulsividade; Anna Jatobá, por sua vez, é caracterizada como uma mãe farta dos cuidados que deve dedicar aos filhos e, por isso, propensa à irritação.

O ciúme doentio é apresentado como um traço marcante na relação de Alexandre e Anna, o que leva a uma espécie de fusão descrita tanto na capa quanto ao longo da reportagem: o ciúme os leva a viver “numa simbiose na qual os indivíduos se despersonalizam” (PRADO, 2010a, p. 74).

Em *Veja*, já na segunda frase da reportagem há menção a duas emoções de forma explícita. Segundo a revista, a condenação encerra “um ciclo de dor” para aqueles que

amavam a menina, mas reacende um ciclo de “horror” (DINIZ et al., 2010, p. 81), pois pai e madrasta, que deveriam protegê-la, são confirmados como os autores do assassinato.

Ao contrário de *Época* e *Istoé*, *Veja* não procura associar emoções aos réus, nem se dedica a traçar um perfil deles e de seu relacionamento. O foco da reportagem é o esclarecimento de questões técnicas relacionadas à perícia e ao julgamento e, por esse caminho, o texto se constrói como um grande elogio ao sistema de justiça brasileiro, que atuou de forma célere e eficaz, levando à responsabilização do casal no julgamento que pode ser considerado “um divisor de águas na Justiça brasileira” (DINIZ et al., 2010, p. 88).

Assim como acontece em *Época*, a revista *Veja* aponta para a frieza e a racionalidade como elementos fundamentais para a atuação de um magistrado, o que não necessariamente deve pautar a atuação do júri. “Ao contrário do juiz, obrigatoriamente técnico, os jurados do tribunal do júri – ‘juízes leigos’ – não são obrigados a desprezar a emoção na hora de decidir nem fundamentar suas posições” (DINIZ et al., 2010, p. 86). A própria revista alerta, no entanto, para o fato de que as emoções podem não funcionar de maneira positiva nessas circunstâncias, citando como exemplo o caso de Doca Street, assassino confesso da modelo Ângela Diniz (em seu primeiro julgamento, ele foi condenado a uma pena irrisória, graças ao discurso apaixonado de seu advogado de defesa, que convenceu os jurados de que a própria Ângela havia oferecido motivos suficientes para seu assassinato). A leitura do texto revela que, ao longo da reportagem, *Veja* explora a oposição em que, de um lado, estão razão, debate técnico-científico e lógica e, do outro, emoção, coração e retórica.

## 5. O *pathos* no discurso

Se na seção anterior é delineada uma caracterização geral das reportagens, com alguns apontamentos sobre a menção explícita de emoções na cobertura do julgamento do casal Nardoni, neste item, a proposta é compreender o engendramento de possíveis efeitos de patemização, considerando como parâmetros a narratividade e o acionamento de saberes de crença e representações.

Dessa forma, pode-se observar que, nas três publicações, os recursos imagéticos (fotografias, montagens e jogos cromáticos) oferecem elementos para a análise do *pathos* no discurso. Além das capas, já destacadas em seção específica neste trabalho, as imagens incluídas nas reportagens compõem uma narrativa em que o “povo”, representado pelas pessoas que comemoram a sentença em frente ao fórum, expressa **antipatia** – desdobrada em

**ódio** e **indignação** – em relação ao casal, colocado no papel actancial do *malfeitor*. Esse mesmo povo manifesta o **prazer** vinculado à satisfação de um desejo atendido – o desejo de punição, justiça, ou mesmo, vingança<sup>10</sup>.

Em *Época* acima do título “Condenados pelo povo”, há a fotografia de Alexandre e Anna Jatobá, trespassada por uma faixa onde se leem as palavras “Deus”, “condene” e “justiça” (TURRER; MAIA JUNIOR, 2010, p. 84-85). Acima da faixa, uma grande mão alcança o pescoço de Alexandre Nardoni, como se fosse enforcá-lo, donde se pode extrair uma alusão à morte de Isabella, que, segundo a perícia, sofreu esganadura antes de ser arremessada pela janela do Edifício London.

O programa narrativo de vingança acionado pelo *pathos* da **antipatia** aparece sob o signo de que a *justiça seja feita*. Assim, à própria sociedade brasileira é atribuído um desejo de vingança, como destaca *Época* em sua matéria principal: “Para o povo, a justiça fora feita” (TURRER; MAIA JUNIOR, 2010, p. 84) e na suíte, que aparece com os seguintes título e bigode: “A sede de vingança – As manifestações populares em frente ao fórum onde o casal Nardoni foi julgado mostram como as pessoas comuns desejam ter o poder de condenar” (MASSON, 2010, p. 92).

O sucesso deste programa de vingança leva ao **prazer**, expresso nas imagens publicadas em *Istoé*, onde há destaque para as comemorações realizadas na porta do Fórum logo após a divulgação do resultado do julgamento. Na reportagem, este momento é descrito: “Na rua, diante do Fórum de Santana na zona norte de São Paulo, cerca de 300 pessoas comemoraram a decisão da justiça com rojões e ao som do ‘Tema da Vitória’, música consagrada nas conquistas de Ayrton Senna” (PRADO, 2010a, p. 70).

O sentimento de vingança predomina no discurso de *Istoé*, embora em alguns trechos se procure atenuar a oposição entre bem e mal, como se vê em: “... é fato também que as pessoas e as circunstâncias não se dividem cartesianamente, segundo unanimidade da literatura psicológica e psiquiátrica, ‘em santas ou diabas, eternamente certas ou eternamente erradas’” (PRADO, 2010a, p. 71). Essa emoção pontua também o desfecho da reportagem que é, ao mesmo tempo, o desfecho de Alexandre Nardoni e Anna Jatobá; estes saem de um estado de *conjunção* para um longo período de *disjunção*: “Pelos próximas décadas, com ou

---

<sup>10</sup> Charaudeau (2010, p. 51-52) observa que o *pathos* da **antipatia** – englobando o **ódio** e a **indignação** – se dá numa relação triádica em que um sujeito observador se compadece pelo sofrimento causado por um *malfeitor* a uma *vítima*, com a qual ele se identifica. À vítima, é destinado um sentimento de **simpatia** ou **compaixão**. Já o *pathos* do **prazer** – englobando a **alegria**, a **felicidade** e o **regozijo** – é gerado com a satisfação de um desejo.

sem ciúme, não se verão e só conversarão por cartas, cada um de sua cela nas penitenciárias onde permanecerão encarcerados na cidade de Tremembé” (PRADO, 2010a, p. 74).

Em *Veja*, como sinalizado no item 4, o sentimento predominante é o de **admiração** pelo sistema de justiça, que ocuparia o papel actancial do *benfeitor*. “Esse espetáculo em matéria de civilização é prova de que o sistema judicial brasileiro [...] pode ser melhorado”, afirma a revista em sua Carta ao Leitor (VEJA, 2010, p. 12). No entanto, há uma intrínseca relação entre essa **admiração** e o mesmo desejo de vingança que aparece nas duas outras revistas; afinal, este sistema foi capaz de promover a justiça, concretizando o vingança voltada para os *malfeitores*.

Vale destacar o papel exercido pelas crenças e representações religiosas. Em *Época*, há um mural com uma série de fotos de Isabella, desde bebê, sempre feliz e ao lado da mãe, Ana Oliveira. Nesse mesmo mural, há também duas imagens da mãe após a morte de menina que chamam a atenção: numa delas, a Virgem Maria aparece em segundo plano, sugerindo uma identificação entre as duas mulheres que perderam seus filhos de forma cruel; noutra, Ana aparece em pé, frente ao túmulo da filha. Em ambas as fotos, é possível notar tanto o engendramento de um *pathos* de **compaixão** por Ana, que também seria uma vítima desse crime, quanto a construção de uma aura de santidade, que propõe **admiração** – e, por que não, **devoção** – a essa santa mulher.

Os símbolos religiosos também aparecem nas reportagens de *Istoé* e *Veja*, com destaque para essa última, uma vez que, no seu interior, ela retoma a metáfora religiosa do “descanse em paz” (DINIZ et al., 2010, p. 81) – também presente na capa – para comemorar o triunfo final de Isabella. Na abertura da reportagem, o rosto de Isabella, em cores, ocupa uma página inteira; ao lado, cerca de um terço da página é ocupado por uma foto em preto e branco com o olhar dos algozes, Alexandre e Anna. Fica nítido, pelas expressões e cores utilizadas, que a revista aciona a oposição céu (destino dos bons e lar dos anjos) vs. inferno (destino dos maus e lar dos demônios). De forma a não deixar dúvidas para o leitor, *Veja* destaca: “Agora, pode-se afirmar que os monstros estão identificados. E a Justiça desceu sobre eles com mãos de ferro” (DINIZ et al., 2010, p. 81).

Em *Istoé*, os elementos religiosos são acionados com maior destaque na suíte da matéria principal, intitulada “Vidas marcadas” (PRADO, 2010b, p. 76-79), que é estampada em toda sua página de abertura pela foto do avô materno de Isabella com o terço nas mãos. Nesse caso a religiosidade não se relaciona apenas com a justiça e o castigo divino, mas também com o *pathos* da **esperança**, da **fé**.

## 6. Apontamentos finais

Este exercício de análise, voltado para dimensão patêmica na cobertura das revistas *Época*, *Istoé* e *Veja*, reafirmou a relevância de um estudo dessa natureza para o discurso jornalístico, onde razão e emoção não se encontram em lugares opostos, mas relacionam-se de maneira íntima e complexa. Esta percepção ganha evidência nas relações engendradas entre as planos verbal e imagético de cada texto observado.

As revistas analisadas exploram emoções como ódio, admiração, compaixão e desejo de vingança. Tais afetos aparecem em proporções distintas em cada publicação, devido às diferentes estratégias discursivas acionadas. Foi possível notar também que o clamor por justiça – mencionado explicitamente nas três revistas e aclamado em *Veja* – e o desejo de vingança encontram-se profundamente relacionados. Mas independentemente do termo usado (justiça ou vingança), todas as publicações atribuem esse desejo à sociedade brasileira, representada pelas pessoas que permaneceram na porta do fórum e comemoram o resultado do julgamento com fogos e ao som do “Tema da Vitória”.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MACHADO, Ida ; MENDES, Emília. **As emoções no discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. v. 2. p. 23-56

\_\_\_\_\_, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

GREIMAS, Algirdas J. **Du sens II**: essais sémiotiques. Paris: Éditions du seuil, 1983.

\_\_\_\_\_, Algirdas J ; FONTANILLE, Jacques. **Sémiotique des passions**: des états de choses aux états d'âme. Paris: Éditions du seuil, 1991.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 2. ed. São Paulo, Annablume, 2000.

MORETZSOHN, Sylvia. **O crime que chocou o Brasil**: mídia, justiça e opinião pública. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2008, São Bernardo do Campo. Disponível em:  
<<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada5sylviamoretzsohn.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2012.

RODRIGUES, Carla Cardoso. **A capa de *newsmagazine* como dispositivo de comunicação.** OBSERVATORIO (OBS\*), Journal, n. 8, 2009. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/download/182/252>>. Acesso em: 05 out. 2012.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VAZ, Paulo B.; FRANÇA, Renné O. Através do Espelho: o acontecimento Isabella na revista Veja. **LOGOS.** Vol. 16, n. 2 Comunicação e Filosofia, 2009. Disponível em: <[http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/01\\_logos31\\_paulovaz.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/01_logos31_paulovaz.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2012.

### **Textos analisados:**

DINIZ, Laura et al. A justiça foi feita. **Veja**, São Paulo, n. 13, p. 80-88, 31 mar. 2010.

ÉPOCA. São Paulo, Globo, n. 619, 29 mar. 2010.

ISTOÉ. São Paulo, Três, n. 2107, 31 mar. 2010.

MASSON, Celso. A sede de vingança. **Época**, São Paulo, n. 619, p. 92-94, 29 mar. 2010.

PRADO, Antônio Carlos. Culpados! **Istoé**, São Paulo, n. 2107, p. 68-74, 31 mar. 2010a.

PRADO, Antônio Carlos. Vidas marcadas. **Istoé**, São Paulo, n. 2107, p. 76-79, 31 mar. 2010b.

TURRER, Rodrigo; MAIA JUNIOR, Humberto. Condenados pelo povo. **Época**, São Paulo, n. 619, p.84-91, 29 mar. 2010.

VEJA. São Paulo, Abril, n. 13, 31 mar. 2010.

### **Sites consultados:**

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTA. Disponível em <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>>. Acesso em : 07 de out. 2012.